

NA URNA, AINDA O VOTO DE ESPERANÇA

15
Marlene Gomes
Da equipe do Correio

PASSADO E PRESENTE TÊM UM PESO GRANDE NA HORA DO VOTO DA ADMINISTRADORA VIRGÍNIA DARC AMORIM DIAS, 44 ANOS, TRÊS FILHOS ADOLESCENTES, DE 14, 17 E 19 ANOS. "COMO MÃE, TENHO QUE PENSAR NO FUTURO DOS MEUS FILHOS. JÁ VI TUDO O QUE O RORIZ FEZ. E ESTOU VENDO O QUE O CRISTOVAM FAZ E O QUE NÃO FAZ. OU SEJA, VOU APOSTAR NO NOVO, EM QUEM ME PASSA HONESTIDADE E DETERMINAÇÃO".

Virgínia não quer desperdiçar seu voto. Vai colocar o papelzinho na urna depois de analisar com cuidado onde terminaram as promessas dos então candidatos para governador nas últimas eleições, e, de fato, até onde foram efetivadas as realizações do eleito. Isso sem perder de vista os projetos de cada candidato para o futuro.

Ela representa bem os 61% de eleitores pesquisados pelo instituto Soma, Opinião e Mercado que apontaram como fator determinante para a escolha de seu candidato as próprias realizações de cada um. Se encaixa também entre os 45%, o segundo item mais votado, que detecta o peso que o programa de governo do candidato adquire na hora do eleitor depositar o seu voto na urna.

"Partido político é utopia", declara Virgínia. "Não existe fidelidade partidária e os políticos vão se organizando de acordo com suas necessidades, indiferentes até ao programa ideológico de cada partido", reclama.

PEDIR MUITO

De fato, o partido do candidato influencia 13% dos eleitores. Perde apenas para os demais 7% que levam em consideração os próprios políticos que apoiam o candidato.

"Se ele (o eleito) não tiver pelo menos 50% de apoio na Câmara Legislativa, não vai conseguir fazer nada. Um bom exemplo disso é o próprio Cristovam, que é de um partido de esquerda. O certo seria ele beneficiar a classe trabalhadora. Mas dificilmente ele tem conseguido fazer alguma coisa porque está governando sem qualquer apoio", explica Willians Luiz Gomes, 30 anos, assistente administrativo da Centrais Elétricas do Norte do Brasil (Eletronorte). Ele é casado, tem dois filhos e vota em Ceilândia.

Ser um bom administrador e um bom político. É pedir muito para aquele que vai governar a capital do País? Não, responde a maioria dos eleitores entrevistados pela Soma. De um universo de 2.760 pessoas ouvidas, 41% consideraram que, em primeiro lugar, essas duas condições são motivos mais que suficientes para a manifestação de suas intenções de voto.

"Vou arriscar, mas acho que um bom político implica em ser um bom administrador e vice-versa. Significa que o eleito vai deixar a de-

Wanderlei Pozzembom



Enquanto Virgínia (D) pensa no futuro dos filhos quando vota, Hélio (C) acha que é fundamental para o candidato ao Buriti ter o apoio do presidente

magia para trás e não vai fazer o jogo da elite", comenta a professora aposentada Maria Rejane de Melo, 68 anos, cinco filhos, 11 netos.

"Para governar, é preciso, em primeiro lugar, muito jogo de cintura, mas nada que lembre esse joguinho do poder de agradar, ser agradável e ser agradado e, sim, de apresentar alternativas viáveis para a solução dos problemas", explica o engenheiro Jorge Dagoberto, 39 anos, divorciado, um filho de três anos.

FATOR FHC

Não é por causa da legenda partidária. Também não é antipatia gratuita. E muito menos implicância de eleitor intolerante. Mas o analista de sistema do Banco do Brasil, Jalmir Alves de Araujo, 32 anos, não tem dúvidas: não vota de jeito nenhum em um candidato que tenha o apoio do presidente Fernando Henrique Cardoso. Os motivos podem ser os mais va-

riados. Mas o fato é que 38% dos 2.752 eleitores ouvidos pela Soma, assim como o bancário Jalmir, têm ojeriza de antemão por determinado candidato, se esse tiver o apoio do presidente Fernando Henrique.

Uma posição inconseqüente, diz sem pestanejar Hélio Dias, o marido de Virgínia, a administradora que votará pensando no futuro dos filhos. Ele não tem dúvidas de que na hora de depositar o voto na urna, é preciso também que o eleitor tenha uma visão das implicações do eleito para o futuro da cidade. Ser aliado do governo, garante, "é condição básica para que o candidato faça um bom governo".

"O apoio do presidente é fundamental. Se o próximo governador não tiver um apoio político forte do lado dele não consegue angariar o dinheiro necessário para as obras de Brasília", explica. "Veja bem o exemplo de São Paulo, quando a

(Luiza) Erundina (PT) quase destruiu o estado porque não tinha o apoio do governo federal".

A convicção deste pai de família, gerente de uma concessionária de automóveis em Brasília, é a mesma de outros 22% dos entrevistados. Esses, sim, votam com toda a certeza naquele candidato que tiver o apoio do presidente.

Na balança das opiniões, outros 28% podem até votar em determinado candidato por causa do apoio de FHC. Quem sabe? Mas essa ainda não é uma questão bem resolvida.

"Gosto do Fernando Henrique. Mas o meu voto depende muito do candidato dele. Não é porque ele apóia alguém que vou votar nessa pessoa. Primeiro quero ver quem é o candidato. Depois que vou decidir", resume a vendedora de uma loja de presentes do Conjunto Nacional, Iara Ribeiro Santos, 33 anos, dois filhos, de 10 e 12 anos.

RAZÕES PARA A ESCOLHA DE UM CANDIDATO (%)

	TOTAL
As realizações passadas do candidato	61
O programa de governo do candidato	45
A pessoa do candidato	44
O partido do candidato	13
As promessas do candidato	12
Os políticos que apoiam o candidato	7
Não sabe	4
Nada	3

■ Respostas múltiplas: o somatório do percentual pode ser maior que 100%

VOCÊ VOTARIA NO CANDIDATO DE FHC (%)

	TOTAL
Votaria com certeza	22
Pode votar, mas não tem certeza	28
Não votaria de jeito nenhum	38
Não sabe	9
Não faz diferença / tanto faz	5

EM QUEM VOCÊ ACHA QUE ELES VÃO VOTAR (%)

OS JOVENS	
Roriz	30
Não sabe	28
Cristovam	18
Arruda	16
Augusto	8
OS POBRES	
Roriz	73
Não sabe	15
Cristovam	8
Arruda	4
Augusto	1
OS RICOS	
Não sabe	32
Cristovam	25
Arruda	24
Roriz	16
Augusto	4
OS EMPRESÁRIOS	
Não sabe	34
Arruda	24
Cristovam	20
Roriz	20
Augusto Carvalho	3